PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE

CURSO DE ENFERMAGEM

**A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE A PESSOA AUTISTA E SEUS FAMILIARES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

ANA CAROLINA FRANCISCA CAMARGO

THAUANY LOIOLA DE ARAÚJO

Goiânia-GO

2020

ANA CAROLINA FRANCISCA CAMARGO

[http://lattes.cnpq.br/5701745299554274](https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=3C79AB5325D23E41E8906A41F15CA0E0)

THAUANY LOIOLA DE ARAÚJO

 http://lattes.cnpq.br/0331955421673388

**A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE A PESSOA AUTISTA E SEUS FAMILIARES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Eixo temático ENF 1113 - Trabalho de Conclusão de Curso III, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Profª Ms Lorena Aparecida de Oliveira Araújo.

http://lattes.cnpq.br/1655462345908495

Goiânia-GO

2020

**AGRADECIMENTOS**

Agrademos primeiramente a Deus pela nossa vida e por nos permitir chegar até aqui, nos fortalecendo e sendo nossa base nos momentos de dificuldade.

As nossas mães, pais, padrastos, tios (as), irmãos, primos (as), avós e amigos pelo cuidado, paciência, apoio financeiro e emocional, incentivo aos nossos estudos e compreensão a nossa ausência enquanto nos dedicávamos a produção deste trabalho.

Aos professores e a Universidade, pelos ensinamentos, dedicação, oportunidades e experiencias adquiridas ao longo desses cinco anos de curso.

Agradecemos também uma à outra pela amizade, parceria, disponibilidade e dedicação para concluir este trabalho dentro do prazo e com qualidade.

Ana Carolina Francisca Camargo e Thauany Loiola de Araujo.

 **RESUMO**

**Introdução**: O termo “autismo” é derivado do próprio quadro sintomatológico relacionado a dificuldade na interação social, em alguns casos já pode ser observado durante as mamadas ao seio da mãe e nos cuidados nos primeiros meses de vida . O Enfermeiro, como membro da equipe multiprofissional, é um dos responsáveis por acompanhar a criança e a família, e deve estar preparado para avaliar o desenvolvimento infantil, a fim de detectar precocemente qualquer anormalidade e tomar as medidas resolutivas para a melhoria da qualidade de vida. **Objetivo:** Levantar através da literatura as ações do profissional Enfermeiro frente a pessoa autista e seus familiares. **Método:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de natureza qualitativa, nas bases de dados Lilacs, SciELO, MEDLINE, PubMed, Google Schoolar, dos últimos 15 anos na língua portuguesa. **Resultado:** A partir da leitura e análise dos textos selecionados foram realizadas 64 resenhas críticas, sendo encontrados 43 artigos que adequaram a temática pesquisada. Onze (11) resenhas foram excluídas por não se adequarem a temática e 10 resenhas estavam duplicadas. Após esse levantamento dos artigos na busca literária, foram analisados quanto sua estrutura e os dados divididos em duas tabelas para uma melhor compreensão. Foi incluído na discussão por sua relevância para a profissão de enfermagem e para o Autismo, o manual de diagnósticos “Associação Norte-Americana de Diagnósticos de Enfermagem” (NANDA), (North American Nursing Diagnosis Association). **Discussão:**  Os artigos encontrados na busca eletrônica nas diversas bases destacadas foram selecionados mediante a leitura prévia dos títulos e resumos. Após leitura e resenha crítica dos artigos selecionados deu-se início a análise dos dados por meio de Categorização. Foram selecionadas três categorias, a saber: Conhecimento do Enfermeiro a respeito do autismo; O impacto do diagnóstico para os familiares; Ações do Enfermeiro com o autista e seus familiares. **Conclusão:** Os estudos analisados trazem a importância do Enfermeiro na assistência, diagnóstico e no cuidado ao indivíduo autista e seus familiares, sendo ele, responsável por acompanhar a criança, a família, avaliar o desenvolvimento infantil, estando apto a detectar precocemente qualquer anormalidade e tomar as medidas resolutivas para a melhoria da qualidade de vida.

**Palavras-chave OU deCs:** Transtorno do Espectro Autista, Transtorno Autístico, Síndrome de Asperger, Cuidado de Enfermagem, Relações Familiares, Relações Profissional-Família

**ABSTRACT**

**Introduction:** The term "autism" is derived from the very symptomatological picture related to difficulty in social interaction, in some cases it can already be observed during breastfeeding and care during the first months of life. The nurse, as a member of the multiprofessional team, is one of those responsible for accompanying the child and the family, and must be prepared to evaluate the child's development in order to detect any abnormality early and take resolutive measures to improve the quality of life. **Objective**: To raise through literature the actions of the professional Nurse in front of the autistic patient and his relatives. **Metódo**: This is an integrative review of literature of a qualitative nature, in the databases Lilacs, SciELO, MEDLINE, PubMed, Google Schoolar, the last 15 years in the Portuguese language. **Result**: From the reading and analysis of the selected texts, 64 critical reviews were made, being found 43 articles that adapted the researched theme. Eleven (11) reviews were excluded because they did not fit the theme and 10 reviews were duplicated. After this survey of the articles in the literary search, their structure was analyzed and the data divided into two tables for a better understanding. The North American Nursing Diagnosis Association (NANDA) was included in the discussion for its relevance to the nursing profession and to Autism. **Discussion:** The articles found in the electronic search in the several highlighted bases were selected through the previous reading of the titles and abstracts. After reading and critical review of the selected articles, the data were analyzed through Categorization. Three categories were selected: Nurse's knowledge about autism; The impact of the diagnosis on family members; Nurse's actions with the autistic and his family members. **Conclusion:** The analyzed studies bring the importance of the Nurse in the assistance, diagnosis and care to the autistic patient and his relatives, being him responsible to follow the child, the family, to evaluate the infantile development, being able to detect early any abnormality and to take the resolutive measures for the improvement of the life quality

 **Keywords OR DECS:**

Autistic Spectrum Disorder, Autistic Disorder, Asperger's Syndrome, Nursing Care, Family Relations, Professional-Family Relations

LISTA DE SIGLAS

* APA: Associação Americana de Psiquiatria - American Psychiatric Association
* BDENF: Banco de Dados em Enfermagem – Bibliografia Brasileira
* CAPSi: Centros de Atenção Psicossociais Infanto-juvenis
* CCF: Cuidado Centrado na Família
* CID-10 Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
* CIPTEA: Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista
* DECS: Descritores em Ciências da Saúde
* DSM-V: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.ª edição
* ESF: Estratégia da Saúde e da Família
* LILACS: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
* LIS: Localizador de Informação em Saúde
* MEDLINE: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online - Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica
* NANDA: Associação Norte-Americana de Diagnósticos de Enfermagem (North American Nursing Diagnosis Association).
* OMS: Organização Mundial da Saúde
* ONG’S: Organização Não Governamentais
* SCLIELO: Scientific Electronic Library Online- Biblioteca Eletrônica Cientifica Online
* SUS: Sistema Único de Saúde
* TEA: Transtorno do Espectro Autista
* TGDs :Transtornos Globais do Desenvolvimento

LISTA DE QUADROS

**Quadro 1**: Distribuição dos artigos n= 43 selecionados segundo Ano, Autor e Metodologia (Goiânia, 2020)

**Quadro 2:** Distribuição dos artigos n= 43 selecionados quanto ao Título do Estudo, Objetivo Geral e Conclusão (Goiânia, 2020).

**SUMÁRIO**

[LISTA DE SIGLAS 8](#_Toc49798909)

[LISTA DE QUADROS 9](#_Toc49798912)

[1. INTRODUÇÃO 11](#_Toc49798913)

[2. OBJETIVOS 15](#_Toc49798914)

[2.1 Objetivo Geral 15](#_Toc49798915)

[2.2 Objetivos Específicos 15](#_Toc49798916)

3. [METODOLOGIA 16](#_Toc49798921)

[4. RESULTADOS ......18](#_Toc49798928)

5. DISCUSSÃO........................................................................................................42

5.1 Conhecimento de Enfermeiro a respeito do autismo .................................................42

5.2 Impacto do diagnóstico nos familiares...................................................................... 47

5.3 Ações de enfermagem com o autista e com a família ...............................................53

[6. CONCLUSÃO 57](#_Toc49798931)

[7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 58](#_Toc49798932)

 [REFERÊNCIAS: 59](#_Toc49798933)

# **INTRODUÇÃO**

#

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é conceituado como um distúrbio de desenvolvimento, que compromete principalmente a área neurológica. É caracterizado pelo desequilíbrio de comportamento que se torna evidente pela dificuldade na inclusão social (PINTO, et al, 2016; MONTEIRO et al, 2008).

Conforme apresenta a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde CID-10, a terminologia Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs) inclui um grupo de transtornos que se caracterizam pelas alterações nas interações sociais, na comunicação e interesses restritos e estereotipados. Dentre os transtornos incluídos nessa qualificação estão o Autismo infantil, Autismo Atípico, Síndrome de Rett, Transtornos desintegrativos da infância, Transtorno com hipercinesia associada, retardo mental, movimentos estereotipados, Síndrome de Asperger (OMS, 1994).

O autismo infantil se caracteriza quando a criança apresenta alterações no desenvolvimento, anterior aos três anos de idade, afetando as áreas de interação social, comunicação e a apresentação de comportamentos repetitivos. Já Autismo Atípico, ocorre após os três anos de idade, não necessariamente apresentando todos os critérios diagnósticos do Autismo Infantil, sendo mais comum em crianças que apresentam um transtorno específico grave no desenvolvimento da linguagem e deficiência intelectual grave (OMS, 1994).

A Síndrome de Asperger por sua vez, apresenta características semelhantes, como as alterações nas interações sociais, interesses restritos, estereotipados e repetitivos, se diferenciado do Autismo por não apresentar deficiências no desenvolvimento intelectual, linguagem e cognição (OMS, 1994).

Dados epidemiológicos mundiais revelam que 1 a cada 88 nascidos vivos apresenta TEA, sendo sua maioria do sexo masculino. No ano de 2010, no Brasil, estimava-se cerca de 500 mil pessoas portadoras de autismo (GOMES, et al, 2015).

Em Brasil (2015), encontramos que Howard Potter, médico, descreveu que crianças com falta de conexão emocional e ausência de integração com o ambiente que a cercam, poderiam ser portadoras de Esquizofrenia infantil. Por muitos anos o conceito de autismo, psicose e esquizofrenia eram confundidos e utilizados de maneira errônea. Em 1906 o termo autismo foi usado pela primeira vez por um psiquiatra que estudava o processo de pensamentos de pessoas com esquizofrenia (VILLAR, et al, 2019).

Segundo a pesquisa de Biff, et al (2019), a média de idade em que as crianças eram diagnosticadas com 3 anos e 4 meses, sendo a criança mais nova a ser diagnosticada com 20 dias e a mais velha com 8 anos. Este diagnóstico se deu primeiramente pela percepção das mães de acordo com o comportamento dos filhos, principalmente relacionado ao desenvolvimento do andar e da fala, o que despertou uma desconfiança, fazendo com que investigassem até chegarem ao diagnóstico. Porém, outros autores trazem a ideia de que aos 3 anos de idade os sintomas são brandos, o que dificulta o diagnóstico rápido (SCHIMIDT, 2017).

O diagnóstico de TEA é fundamentalmente clínico, alcançado a partir da observação do indivíduo, entrevista com os pais e a aplicação de instrumentos específicos. Os parâmetros usados para diagnosticar o TEA são descritos no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) da Associação Americana de Psiquiatria (GADIA, 2004). O DSM-V não é o único instrumento utilizado no diagnóstico do transtorno, há outros testes de rastreamento para o TEA, como por exemplo, a Escala de Classificação de Autismo na Infância, Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil e Modified Checklist for Autism in Toddlers (GOMES, et al, 2015).

O Enfermeiro é responsável pela consulta de crescimento e desenvolvimento na Atenção Básica, portanto deve estar apto para reconhecer precocemente sinais de transtorno autísticos podendo contribuir para o diagnóstico precoce e medidas interventivas (VILAR, et al 2019). É fundamental que se estabeleça um vínculo entre profissional, indivíduo e suas famílias. Assim, tanto a criança quanto os pais se sentirão seguros e amparados, fazendo com que o tratamento seja mais eficaz (SOUSA, et al, 2018).

Destaca-se, que esse diagnóstico é caracterizado principalmente pela capacidade reduzida de estabelecer uma relação adequada de comunicação com o ambiente social. Essas dificuldades não são geradas apenas pelo atraso na linguagem e/ou uso estereotipado e repetitivo da fala, podem decorrem também da falta de reciprocidade social e emocional que é característica do autista em suas relações (SCHIMIDT; BOSA, 2007).

Estudos comprovam que, a receptividade do indivíduo autista por parte da família minimiza o impacto do diagnóstico, fortalece os vínculos familiares, principalmente entre os pais e irmãos. Todavia, alguns familiares relatam que o preconceito ocasionou afastamento de alguns membros familiares, principalmente os paternos, gerando conflitos, tristeza e decepções para essas mães (PINTO, et al, 2016).

Os profissionais de saúde devem estar aptos para responder todas as dúvidas dos familiares de forma completa e de maneira que compreendam o tratamento e desenvolvimento da criança, pois, a família acompanha de perto o crescimento e as conquistas dos filhos, sendo eles responsáveis pela inserção dessas crianças no meio social (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL 2012).

Ao decorrer do cuidado com a pessoa autista, a família, especialmente a mãe, encontra dificuldades para o atendimento das necessidades próprias, particularmente relacionadas à dinâmica intrafamiliar e acesso a direitos sociais (MAPELLI, et al, 2018).

No dia 27 de dezembro de 2012 foi sancionado a lei 12.764 que instaurou a Política Nacional de Proteção da Pessoa com TEA e instaurou que pessoas com TEA para o âmbito legal são deficientes. O artigo 2° inciso III, traz como diretriz, a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com Transtorno do Espectro Autista, objetivando o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional e o acesso a medicamentos e nutrientes. No artigo 3° como meio de garantir todos os direitos do autista é criada a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA) (BRASIL, 2012).

A partir de todos os aspectos levantados nesta abordagem inicial, questiona-se: “a literatura revela que Enfermeiro está devidamente preparado para prestar o suporte necessário as crianças autistas e seus familiares?”.

O conhecimento a respeito do transtorno e de seus sinais e sintomas, é fundamental para que haja uma percepção durante as consultas de enfermagem, e assim seja possível elaborar estratégias e intervenções se necessário. Para que haja uma assistência de qualidade para os portadores de autismo e seus familiares, é extremante necessário que esses profissionais estejam devidamente capacitados (NASCIMENTO, et al, 2018). Em especial o Enfermeiro, deve estar apto para responder todas as dúvidas dos familiares de forma completa e de maneira que entendam sobre o tratamento e desenvolvimento da criança, porque a família acompanha de perto o crescimento e conquistas dos filhos, sendo responsáveis pela inserção deles no meio social (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL 2012).

# **OBJETIVOS**

# **Objetivo Geral**

Levantar através da literatura as ações do profissional Enfermeiro frente a pessoa autista e seus familiares.

# **Objetivos Específicos**

Através da literatura:

* Descrever os achados bibliográficos sobre o conhecimento dos Enfermeiros a respeito do TEA;
* Compreender quais as condutas de enfermagem com indivíduos autista;
* Reconhecer as ações de enfermagem no suporte adequado aos familiares de pessoas portadores de TEA;

# **3.METODOLOGIA**

3.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, referente aos cuidados que estão sendo prestados pelos Enfermeiros aos indivíduos autistas e seus familiares.

A revisão integrativa é uma metodologia capaz de proporcionar a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática (SOUZA, et al, 2010).

Quando de natureza qualitativa, o estudo consiste na redução, exposição e comparação, bem como na conclusão e verificação dos dados (SOUZA, et al 2010).

**3.2 Critérios de Inclusão:**

Artigos relacionados ao autismo em geral, que abordaram a atuação dos Enfermeiros frente ao indivíduo portador de TEA e seus familiares, que estava na íntegra e com data de publicação dos últimos 15 anos.

**3.3 Critérios de Exclusão:**

Artigos pagos, artigos fora da temática abordada, publicações com resumos incompletos, artigos com fontes não confiáveis, artigos em outras línguas que não o português.

**3.4 Coleta de Dados:**

Levantamento de literatura realizado entre os meses de fevereiro à outubro de 2020 nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online- Biblioteca Eletrônica Cientifica Online (SCLIELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online - Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE), Banco de Dados em Enfermagem – Bibliografia Brasileira (BDENF), Localizador de Informação em Saúde (LIS). A busca foi realizada por meio de cruzamento de descritores, disponível nos Descritores em Ciência da Saúde (DECS), sendo elas: Transtorno do Espectro Autista, Transtorno Autístico, Síndrome de Asperger, Cuidado de Enfermagem, Relações Familiares, Relações Profissional-Família, utilizando o operador Boleano AND.

Para complementação do estudo foi utilizado o livro de diagnósticos “Associação Norte-Americana de Diagnósticos de Enfermagem” (North American Nursing Diagnosis Association) (NANDA) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V).

Além disso utilizamos dois texto oficial do Minestério da Saúde por sua relevância para a profissão de enfermagem.

3.5 Análise de dados

Os artigos encontrados na busca eletrônica nas diversas bases foram selecionados mediante a leitura prévia dos títulos e resumos. Após leitura e resenha crítica dos artigos selecionados deu-se início a análise dos dados por meio de Categorização.

Foram selecionadas três categorias, a saber: Conhecimento do Enfermeiro a respeito do autismo; O impacto do diagnóstico para os familiares; Ações do Enfermeiro com o autista e seus familiares. Esta análise foi desenvolvida entre os meses de setembro e novembro de 2020.

A categorização consiste na organização de dados por meio de tabela, quadros ou gráficos separando-os por anos, autores, conclusões, metodologia, título do estudo, objetivo, dentre outros aspectos que o autor selecionar como relevante, posteriormente são anexados em um resumo os aspectos em comum encontrados (GIL, 2002).

# **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

A partir da leitura e análise dos textos selecionados foram realizadas 64 resenhas críticas sendo encontrados 43 artigos que adequaram a temática pesquisada. Onze (11) resenhas foram excluídas por não se adequarem a temática e 10 artigos tiveram suas resenhas duplicadas entre as autoras do estudo.

Após o levantamento dos artigos na busca literária, foram analisados quanto sua estrutura e os dados divididos em duas tabelas para uma melhor compreensão.

**Quadro 1**:Distribuição dos artigos selecionados n= 43 segundo Ano, Autor e Metodologia (Goiânia, 2020). (quadro colocar fonte 10)

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| No | Ano | Autor (a) | Metodologia |
|  | 2004 | GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra. | Trata-se de uma Revisão bibliográfica, abordando o tema por meio do sistema MEDLINE e procura direta. |
|  | 2007 | SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice | Trata-se de uma pesquisa experimental com trinta mães de filhos com Autismo, com idades entre 30 e 56 anos |
|  | 2008  | TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasilia Maria | Trata-se de uma revisão da literatura pelas bases de dados scielo, medline, pubmed. |
|  | 2008 | MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; BATISTA, Diana Oliveira Neves de Melo; MORAES, Edileuza Gonçalves de Carvalho; MAGALHÃES, Tarcyana de Sousa; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira; MOURA, Maria Eliete Batista. | Trata-se de um estudo descritivo analítico de abordagem qualitativa e com referencial da fenomenologia. Foram entrevistadas 14 mães de crianças autistas, com perguntas abertas, gravadas e transcritas na íntegra. |
|  | 2009 | SANCHEZ, Fátima Iara Abad; BAPTISTA, Makilim Nunes. | Trata-se de um estudo comparativo de abordagem quantitativa, os dados quantitativos foram obtidos pela aplicação dos questionários e submetidos à análise descritiva e inferencial. |
|  | 2010 | TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz, MECCA, Tatiana Pontrelli,VELLOSO, Renata de Lima; BRAVO, Riviane Borghesi; RIBEIRO, Sabrina Helena Bandini; MERCADANTE, Marcos Tomanik; DE PAULA, Cristiane Silvestre. | Trata-se de uma revisão sistemática com busca bibliográfica que foi realizada nas bases de dados: PUBMED, SciELO, LILACS e portal CAPES |
|  | 2011 | NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida; DO RIO, Susana Carolina Moreira Martins. | Trata-se de um estudo exploratório descritivo, com uma abordagem qualitativa, baseado em uma história de vida. O método autobiográfico faz com que os indivíduos relatem as suas “pequenas vivências” com a presença e assistência do investigador, através de entrevistas semiestruturadas |
|  | 2011 | SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. | Nesta pesquisa adotou-se a abordagem qualitativa de cunho descritivo, que, conforme Martins e Bicudo (1994), refere-se ao tipo de investigação capaz de compreender e descrever de maneira mais abrangente os aspectos de cunho pessoal, os quais não podem ser precisados numericamente. |
|  | 2012 | BARBOSA, Maria Angélica Marcheti; BALIEIRO, Maria Magda Ferreira Gomes; PETTENGILL, Myriam Aparecida Mandetta | Foi utilizado a base na literatura nacional e internacional publicada sobre o tema nos últimos 20 anos. Foi efetuada uma busca sistemática em duas importantes bases de dados (PUBMED e BIREME). |
|  | 2012 | GOUVEIA, Amanda Ouriques; SILVA, Priscilla Maria de Castro, DE AZEVEDO, Elisângela Braga; ROCHA, Divanda Cruz; DA SILVA, Juliana Jamaica Sousa; MEIRA, Roberta Costa; FILHA, Maria de Oliveira Ferreira | Estudo de investigação analítica e descritiva com abordagem qualitativa realizado em março de 2011 em um Centro de Atenção Psicossocial infantil no município de Campina Grande, PB, com dez profissionais que atuam no serviço. Para análise do material empírico foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin, estruturando os resultados encontrados em categorias temáticas. |
|  | 2013 | DE PAULA, Debora Regina Nunes; DE AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico; SCHMIDT, Carlo | A revisão bibliográfica foi operacionalizada mediante a busca eletrônica de artigos, teses e dissertações publicados entre 2008 e 2012, nas bases de dados SciELO, Bireme e Capes. |
|  | 2014 | PRISTA, Rosa Maria. | Trata-se de um estudo científico realizado através de pesquisas bibliográficas e de campo possibilitando encontrar caminhos que permitissem a mudança paradigmática. |
|  | 2014 | LIMA, Rossano Cabral; COUTO, Maria Cristina Ventura; DELGADO, Pedro Gabriel Godinho; DE OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro. | Trata-se de uma pesquisa avaliativa qualitativa realizada em 14 CAPSi da região metropolitana do Rio de Janeiro. |
|  | 2014 | JR, Walter Camargos; NOCE, Thelma Ribeiro | Este artigo trata-se de um estudo longitudinal em hospital público pediátrico terciário, durante 20 meses, em Ambulatório de Transtornos do Desenvolvimento, com primeira consulta até 48 meses |
|  | 2014 | SEGEREN, Leticia; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos | A presente pesquisa é de natureza qualitativa e foi desenvolvida com a utilização de entrevistas semiestruturadas para coletar dados |
|  | 2014 | DARTORA, Denise Dalmora; MENDIETA, Marjoriê da Costa; FRANCHINI, Beatriz. | Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi realizada a partir da análise temática de Minayo. |
|  | 2014 | ZANATTA, Elisangela Argenta; MENEGAZZO, Ediane; GUIMARÃES, Andréa Noeremberg; FERRAZ, Lucineia; DA MOTTA, Maria da Graça Corso. | Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória. As informações foram coletadas por meio de entrevista semiestruturada e interpretadas seguindo a análise de conteúdo. |
|  | 2014 | MINATEL, Martha Morais; MATSUKURA, Thelma Simões. | Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, a qual foi feita por meio de roteiros de entrevista semiestruturada e Ficha de Identificação. |
|  | 2015 | DE SENA, Romeika Carla Ferreira; REINALDE, Elda Medeiros; SILVA, Glauber Weder dos Santos; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. | Trata-se de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, desenvolvido com 16 equipes da ESF de um município do interior do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. |
|  | 2015 | GIVIGI, Rosana Carla Do Nascimento; DE SOUZA, Thaís Alves; SILVA, Raquel Souza; DOURADO Solano Sávio Figueiredo; DE ALCÂNTARA, Juliana Nascimento; LIMA, Marília Vasconcelos Araújo. | O estudo caracterizou-se como uma pesquisa do tipo Estudo qualitativo de casos, com descrição numérica de categorias. |
|  | 2015 | GOMES, Paulyane T.M.; LIMA, Leonardo H.L.; BUENOA, Mayza K.G; ARAÚJO, Liubiana A.; SOUZA, Nathan M. | Trata-se de uma revisão sistemática da literatura científica sobre os desafios encontrados pela família na convivência e no cuidado de crianças com diagnóstico de TEA no Brasil. |
|  | 2015 | ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Robert de Figueiredo | Revisão Literária por meio das bases de dados eletrônicas Medline e Scielo. |
|  | 2015 | TABAQUIM, Maria de Loudes Merighi; VIEIRA, Roberta Gelain de Souza; RAZERA, Ana Paula Ribeiro; CIASCA, Sylvia Maria. | Trata-se de uma pesquisa experimental com 13 cuidadores de crianças diagnosticadas com TEA, de ambos os sexos, na faixa etária de 3 a 12 anos, matriculadas em um centro de equoterapia localizado em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. |
|  | 2015 | FRANZOI, Mariana André Honorato;DO SANTOS, José Luís Guedes; BACKES, Vânia Marli Schubert; RAMOS, Flávia Regina Souza. | Trata-se de um relato de experiência de um projeto de intervenção na prática profissional desenvolvido durante o Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem – Área: Atenção Psicossocial. |
|  | 2016 | SALVIANO, Márcia Eller Miranda; NASCIMENTO, Prince Daiane Felizardo Silva; DE PAULA, Mariane Andreza; VIEIRA, Carolina Santiago; FRISON, Susiane Sucasas; MAIA, Mariana Almeida; SOUZA Kleyde Ventura; BORGES, Eline Lima. | Utilizou-se de discussões no decorrer da disciplina “Epistemologia do Cuidado”, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais e análise crítica de literatura científica da enfermagem agregada ao cuidado no exercício profissional das autoras. |
|  | 2016 | PINTO, Rayssa Naftaly Muniz; TORQUATO, Isolda Maria Barros; COLETT, Neusa; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; NETO, Vinicius Lino de Souza; SARAIVA, Alynne Mendonça | Trata-se de um estudo exploratório-descritivo de abordagem qualitativa. |
|  | 2016 | MELO, Camila Alves; FARIAS, Geovane Mendes; Oliveira, Gleiciane da Silva; SILVA, Janaina Fernandes; NEGREIROS, João Emanoel de Lemos. | Trata-se de uma revisão integrativa realizada por discentes do curso enfermagem e orientado por uma docente do Centro Universitário Católica de Quixadá. |
|  | 2016 | CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru Shibukawa; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira | Este estudo é pautado numa metodologia qualitativa de natureza interventiva. |
|  | 2016 |  CEZAR, Pâmela Kurtz; SMEHA, Luciane Najar | Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com delineamento exploratório e transversal. |
|  | 2017 | DA SILVA, Rosângela Nunes Almeida;FILHA, Francidalma Soares Sousa Carvalho; LIMA, Ava Fabian dos Anjos; DA SILVA, Francisco Laurindo; VILANOVA, Jaiane de Melo; DOS SANTOS, Elzimar Palhano | Estudo avaliativo, descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa |
|  | 2017 | SCHIMIDT, Carlo | Revisão histórica da literatúra pelos manuais médicos com base em evidência até o atual DSM-5 |
|  | 2018 | MAIA, Fernanda Alves; ALMEIDA, Maria Tereza Carvalho; ALVES, Maria Rachel; BANDEIRA, Laura Vicuña Santos; DA SILVA, Victor Bruno; NUNES, Nathália Ferreira; CARDOSO, Leila Cristina Gonçalves; SILVEIRA, Marise Fagundes. | Trata-se de um recorte de um estudo de caso-controle, intitulado “Transtorno do Espectro do Autismo em Montes Claros: Um Estudo de Caso-controle”, que investigou as associações entre o TEA e os fatores pré, peri e pós-natais. |
|  | 2018 | MAPELLI, Lina Domenica; BARBIERI, Mayara Caroline; CASTRO, Gabriela Van Der Zwaan Broekman; BONELLI, Maria Aparecida; WERNET, Monika; DUPAS Giselle. | Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, realizada com 15 famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista. |
|  | 2018 | NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira; DE CASTRO, Cintia Soares Cruz; DE LIMA, José Leandro Ramos; DE ALBUQUERQUE, Maria Cicera dos Santos; BEZERRA, Daniele Gonçalves | Pesquisa descritiva, exploratória, qualitativa realizada numa capital do Nordeste, Brasil. Participaram 10 Enfermeiros efetivos, concursados e em exercício na Estratégia Saúde da Família. |
|  | 2018 | SOUSA, Bruna Sabrina de Almeida; ALMEIDA, Camila Aparecida Pinheiro Landim; CARVALHO, Herica Emilia Felix; GONÇALVES, Lorraine de Almeida; CRUZ, Jardel Nascimento | Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, baseado em uma vivência de estágio acadêmico, de agosto a dezembro de 2016. |
|  | 2019 | VILAR, Andréa Maria Alves; OLIVEIRA, Marcia Farias; ANDRADE, Marilda; SILVINO Zenith Rosa |  Trata-se de uma revisão integrativa que se utilizou as bases de dados LILACS e biblioteca virtual SciELO com enfoque nos estudos realizados por pesquisadores da área da saúde, publicados em língua portuguesa, no período de 2011 a 2017. |
|  | 2019 | FERREIRA, Ana Caroline Souza Saraiva; FRANZOI, Mariana André Honroato | Trata-se de estudo quantitativo, descritivo, realizado com 65 estudantes de graduação em Enfermagem. Coletaram-se os dados por meio de questionário, submetendo-os à análise estatística e apresentando-os em tabela. |
|  | 2019 | DA SILVA, Mariana Valente Teixeira Talarico; DOS SANTOS, Amanda Cristina Pereia; GOYOS, Antonio Celso De Noronha | Trata-se de uma revisão de literatura com busca de publicações entre 2010 e 2019, realizada por duas pesquisadoras, nas seguintes bases de dados: Scielo, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. |
|  | 2019 | BIFF, Debora; MELLOS, Aline; RIBEIRO, Vinícius Rodrigues; PEREIRA Luana Daudt; MANZONI, Francisco Dias. | Trata-se de um estudo qualitativo-exploratório, direcionado as mães de filhos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi realizado através de entrevistas com as mães, utilizando um questionário previamente elaborado. |
|  | 2019 | MASCOTTI, Thais De Souza; BARBOSA, Milena de Lima; MOZELA, Larissa de Oliveira; CAMPOS, Érico Bruno Viana. | Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, seguindo a recomendação Prisma. |
|  | 2019 | HOFZMANN, Rafaela da Rosa; PERONDI, Márcia; MENEGAZ, Jouhanna; LOPES, Soraia Geraldo Rozza; BORGES, Dayanne da Silva. | Trata-se de um estudo de natureza qualitativa com abordagem exploratória, realizada através de Grupo Focal do município da Grande Florianópolis, Estado de Santa Catarina, com familiares de oito crianças com diagnóstico de TEA. |
|  | 2019 | DA SILVA, Lucas Silveira; FURTADO, Luis Achilles Rodrigues. | Trata-se de um estudo teórico sobre os documentos oficiais e normativos do Ministério da Saúde em relação aos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). |
|  | 2019 | SANTOS, Nair Kelly; SANTOS, José Augustinho Mendes; SANTOS, Camila da Paz; LIMA, Valéria Pedrosa | Trata-se de uma revisão integrativa realizada nas bases de dados. Método que tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado bem como a identificação de lacunas que direcionam para o desenvolvimento de futuras pesquisas. |

Fonte: produção dos autores

De acordo com o Quadro 1 é possível observar que o ano em que mais houve publicações sobre a temática estudada foi o ano de 2019, com um total de 8 estudos, seguido por 2014 com 7 estudos, 2015 com 6 estudos e 2016 com 4 estudos. A partir disso observou-se que nos últimos anos o interesse pela temática do TEA vem aumentando e isso possibilita uma difusão maior do conhecimento sobre como o profissional de enfermagem deve se capacitar para oferecer uma melhor assistência ao indivíduo autista, bem como a seus familiares.

No que se refere aos autores, Carlo Shimidt da continuidade em estudos dentro da temática com 3 publicações, Luciane Najar Smeha ,Cleonice Bosa e Mariana André Honroato Franzoi com 2 publicações cada, observou se que pela variabilidade de autores envolvidos que ainda faltam segmentos aos estudos desta temática devido a um déficit de continuidade nos estudos pelos autores acima descritos.

Pelo fato de se tratar de um tema recente, complexo e cheio de estigma os pesquisadores optam por pesquisas de campo para investigar de maneira completa o assunto abordado, sendo evidenciado através da nossa análise de dados onde foram encontrados, 23 pesquisas de campo, 13 revisão da literatura, 7 são pesquisas exploratória.

**Quadro 2:** Distribuição dos artigos selecionados n=43 quanto ao Título do Estudo, Objetivo Geral e Conclusão (Goiânia, 2020).

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| No | Título do Estudo | Objetivo Geral | Conclusão |
|  | Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento | Revisar os aspectos neurobiológicos do autismo e dasdoenças invasivas de desenvolvimento. Oferecer ao pediatra informações atualizadas sobre diagnóstico e tratamento. | O pediatra é o primeiro médico a entrar em contatocom a pessoa autista e deve estar apto para reconhecer os desviosdo desenvolvimento e orientar a investigação e o tratamento multidisciplinar. |
|  | Estresse e auto- eficácia em mães de pessoas com autismo. | Investigar os níveis de estresse e auto-eficácia materna em mães de indivíduos com autismo | De acordo com o estudo a mãe de pessoas com autismo tem um alto nível de estresse devido à sobrecarga vivida no cotidiano e que a maioria das vezes elas são as únicas que cuida do indivíduo. |
|  | Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. | Revisar historicamente os conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. | A revisão histórica permitiu observar a evolução do conceito Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. E perceberam que ainda tem um caminho muito grande para compreender os distúrbios e suas etiologias. |
|  | Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem. | Conhecer a vivência de ser mãe de uma criança autista e compreender o sentido desta vivência. | Foram entrevistadas 14 mulheres com faixa etária de 30 a 64 anos, a maioria casada, do lar, com nível médio de escolaridade e dereligião católica. O fato dessas mulheres não exercerem atividade ocupacional fora de casa, se dá pela necessidade de cuidados que a condição do filho requer. Elas têm uma rotina diária que inclui os afazeres domésticos, cuidados pessoais e familiares e prioritariamente os cuidados que envolvem o filho, acarretando assim em acúmulos de responsabilidades, que terminam por contribuir para o afastamento ou abandono de seus sonhos e desejos pessoais. |
|  | Avaliação familiar, sintomatologia depressiva e eventos estressantes em mães de crianças autistas e assintomáticas. | Comparar o funcionamento familiar de mães de crianças/adolescentes autistas, com o funcionamento familiar de mães com crianças assintomáticas, por intermédio de delineamento caso-controle. | Constatou-se que os eventos estressantes apontados pelas mães de autistas não se diferenciaram de mães com crianças assintomáticas nas questões de reajustamento social. Tanto os casos quanto os controles, possuem fatores externos à família considerados como eventos estressores, diferente dos resultados encontrados em outros estudos que demonstram que o filho com deficiências constitui-se em um dos principais fatores estressantes, devido aos sentimentos de incerteza e ansiedade que despertam nos familiares, no que se refere aos cuidados que este exigirá. |
|  | Literatura científica brasileira sobre Transtornos do Espectro Autista | Conduzir uma análise da produção científica de autores brasileiros sobre Transtornos do Espectro Autista (TEA), no período de 2002 a 2009 | É nessário novos estudos com amostras maiores que ocasiona maior impacto e visibilidade da produção científica brasileira relativa aos TEA. |
|  | A família com criança autista: apoio de enfermagem. | Sentiu-se a necessidade de realizar um estudo nesta temática com o intuito de contribuir para uma maior sensibilização dos profissionais de saúde, nomeadamente dos Enfermeiros. | No decorrer do trabalho foi notório que são diversas as implicações que um filho autista acarreta à família, salientando-se as dificuldades económicas, a falta de apoios e a negligência da qual está família acredita ter sido vítima. |
|  | A vivência da maternidade de mães de crianças com Autismo. | Compreender como as mães de crianças com autismo percebem suas vivências com relação à maternidade, e, mais especificamente, elucidar os sentimentos que perpassam essa trajetória, desvelar as especificidades da rotina de cuidados com a criança autista e, por fim, compreender como o acesso à rede de apoio pode repercutir nas vivências da maternidade. | É necessário possibilitar a estas mães um espaço onde elas possam ser escutadas, trocar experiências e amenizar suas angústias. Por fim ressalta-se que a psicologia pode funcionar como rede de apoio a estas mulheres e contribuir para a preservação da saúde mental de famílias que possuem um componente com diagnóstico de autismo. |
|  | Cuidado Centrado na Família no contexto da criança com deficiência e sua Família: uma análise reflexiva. | Refletir sobre a prática da equipe de saúde no cuidado à família da criança deficiente, à luz dos pressupostos do Cuidado Centrado na Família (CCF). | O relacionamento da equipe de saúde e a família é estremecida pois o foco da equipe é só a patologia da criança e não incluem a família no tratamento sendo elas as prestadoras do cuidado. |
|  | Assistência interdisciplinar prestada à criança portadora de autismo. | Investigar como é conduzida a assistência a crianças portadoras de autismo, pela equipe interdisciplinar de umCentro de Atenção Psicossocial Infantil e avaliar as principais abordagens utilizadas na assistência prática e aspossibilidades de reabilitação dessas crianças autistas quando há intervenção precoce. | Evidenciou-se nesta investigação que umtratamento precoce, especializado, qualificado e humanizado promove reabilitação psicossocial e melhoria na qualidadede vida. |
|  | Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. | Descrever a escolarização de pessoas com TEA em escolas regulares. | Diante dos estudos analisados mostrou que a presença de alunos com Autismo em escolas regulares aumentou após a extinção das escolas especiais e a popularização do conceito inclusão. |
|  | Autista fala e pensa um estudo sobre a mediação da maternagem e paternagem. | Discutir a aprendizagem e o desenvolvimento destas pessoas nas relações estabelecidas com os adultos responsáveis pela maternagem e paternagem. | Conforme seus pais foram percebendo suas atitudes e conseguiram frear seu próprio discurso, criando espaços de silêncio e de possibilidades do exercício do filho por mais inconsistentes que possam enunciar conseguiram criar novos tecidos familiares onde o possível é infinito. Isto tem garantido a família um novo movimento de tentativas e de possibilidades que criam uma nova versão da história familiar. |
|  | Indicadores sobre o cuidado a crianças e adolescentes com Autismo na rede de CAPSi da região metropolitana do Rio de Janeiro. | A criação de indicadores sobre o tratamento de autistas nos Centros de Atenção Psicossociais Infanto-juvenis (CAPSi), por meio de pesquisa avaliativa envolvendo profissionais de nível superior e médio e familiares de usuários autistas | Em torno dos cinco temas ordenadores, foram produzidos cerca de 130 indicadores, todos eles apresentados sob a forma de perguntas. Deste modo, a resposta “sim” é aquela desejada, apontando a existência de cuidados de qualidade aos usuários com Autismo e suas famílias e induzindo que estes sejam buscados quando ainda não estão presentes. |
|  | A história natural do Autismo infantil em um hospital público pediátrico terciário: evoluções com atrasos globais do desenvolvimento, com regressão parcial e plena. | Avaliar qual é a real proporção de ocorrência dessas três formas, separadamente, de instalação do Autismo infantil. | Todas as crianças que apresentam histórico de atrasos nos marcos do desenvolvimento psíquico devem ser considerado o Autismo como uma hipótese diagnóstica. |
|  | As vivências de mães jovens autista  | Investigar as vivências de mães de jovens autistas, buscando identificar as reações iniciais ao diagnóstico de Autismo do filho e as orientações recebidas, conhecer as rotinas diárias do jovem e sua família e identificar as dificuldades encontradas na fase da adolescência do filho autista bem como as expectativas e sentimentos das mães em relação ao seu futuro. | O artigo percebeu que a maioria dos casos o diagnóstico de Autismo foi tardio, e também as mães jovens muitos se isolaram socialmente devido à dificuldade do filho de interagir socialmente. |
|  | A equipe de enfermagem e as crianças autistas. | O estudo busca conhecer a percepção dos profissionais da enfermagem acerca da temática, detectando lacunas ou potencialidades destes profissionais, com o objetivo de alcançar cada vez mais qualidade na assistência ao autista e sua família. | Os profissionais de enfermagem entrevistados entendem sua importância no atendimento às crianças autistas, porém, o medo do desconhecido, que apareceu na maioria das falas, pode interferir na qualidade desse cuidado. |
|  | Cotidiano de famílias que convivem com o Autismo infantil | Conhecer o cotidiano de famílias que convivem com o Autismo infantil. | Os resultados obtidos nesta pesquisa revelam que conviver com o Autismo infantil é, para a família, uma tarefa árdua, difícil, cansativa e, por vezes, dolorosa. |
|  | Famílias de crianças e adolescentes com Autismo: cotidiano e realidade de cuidados em diferentes etapas do desenvolvimento. | Identificar sob a ótica das famílias de crianças e adolescentes com Autismo, as experiências cotidianas e suas demandas na realidade de cuidados dispensados aos filhos em três fases do desenvolvimento. | A pesquisa respondeu aos objetivos propostos e aponta-se que, ainda que não se trate de estudo longitudinal, a proposta metodológica utilizada na presente pesquisa foi pertinente, na medida em que permitiu evidenciar demandas, desafios e realidade de famílias de autistas em diferentes etapas do desenvolvimento. |
|  | Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o Autismo infantil | Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do Transtorno Autístico. | Nota-se um grande déficit no conhecimento dos enfermeiros participantes do estudo relacionado ao Autismo infantil, a julgar por poucas características por eles relatadas sobre o transtorno. Sendo justificado por o Autismo apresenta uma grande variedade de sinais e sintomas, além de variadas etiologias. Os resultados enfatizam que as grades curriculares da área de Enfermagem pouco trabalham o tema, ou nem mesmo o apresentam |
|  | Implicações de um diagnóstico: o que sentem as famílias dos sujeitos com deficiência? | Evidenciar e discutir os sentimentos, impressões pessoais e características atribuídas pela família no que se refere a ter um filho com deficiência. | Essas mães vivenciam uma experiência única, repleta de choro, solidão, sentimento de abandono e um grande desejo de não estar vivendo aquela situação. O sentimento de raiva se manifesta em alguns momentos por meio da rejeição e do desapreço com o filho. Essa rejeição é evidenciada pelas posturas de abandono, de superproteção ou de negação da deficiência, criando um sentimento de medo e ansiedade. |
|  | Autismo no Brasil: revisão sistemática dos desafios familiares e estratégias de enfrentamento. | O estudo buscou descrever os desafios encontrados pelas famílias na convivência com crianças portadoras de Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil e as estratégias de superação empregadas. | A família enfrenta dificuldades antes e depois do diagnóstico, antes de receber o diagnóstico as famílias convivem com o desafio da busca pela identificação do transtorno e após o diagnóstico surgem novas dificuldades, como lidar com os sintomas e a insuficiência de serviços de saúde, educação e lazer. |
|  | Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação | Destacar a importância do diagnóstico e do processo de reabilitação no TEA com base nos avanços científicos na área | O diagnóstico TEA provoca desconforto na constituição familiar, muitas vezes a equipe demora para diagnosticar e não sabem explicar de maneira correta o transtorno e suas particularidades, é importante que a equipe insere a família no tratamento.  |
|  | Autoeficácia de cuidadores de crianças com o Transtorno do Espectro Autista | Identificar a relação do padrão de independência da criança com TEA e o nível de percepção de autoeficácia do seu cuidador  | O estudo mostrou que os cuidadores com crianças com TEA possui disponibilidade, prática e disposição para cuidar de todas as suas necessidades. |  |
|  | Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um centro de atenção psicossocial | Contribuir com a qualificação dos profissionais de enfermagem que atuam no Sistema Único de Saúde (SUS), sendo promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com financiamento do Ministério da Saúde e com a parceria da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP) | É importante os profissionais de enfermagem pesquisaram, mas a respeito da intervenção musical e inserir no tratamento, pois o resultado da pesquisa constatou que a intervenção musical é benéfica. |
|  | Epistemologia do cuidado de enfermagem: uma reflexão sobre suas bases | Refletir sobre o cuidado de enfermagem e sua epistemologia, partindo de suas dimensões histórica, teórica, filosófica, espiritual e como prática social. | Sugere-se o resgate da integralidade, da humanização, da unicidade, da espiritualidade nas pesquisas e práticas do cuidado do indivíduo, da família e da comunidade, como avanço na incorporação do conhecimento epistemológico do cuidar em enfermagem. |
|  | Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.  | Analisar a forma com reagem os familiares diante do diagnóstico de Autismo e o impacto causado na relação familiar. | Foi observado que a receptividade da criança autista por parte da família minimiza o impacto do diagnóstico, fortalece os vínculos familiares, principalmente entre os pais e irmãos. Todavia, alguns familiares relatam que o preconceito ocasionou afastamento de alguns membros familiares, principalmente os paternos, gerando conflitos, tristeza e decepções para essas mães. |
|  | Identificação do papel do Enfermeiro na assistência de enfermagem ao Autismo. | A identificação do papel do Enfermeiro na assistência de enfermagem ao paciente autista. | O Enfermeiro tem papel extremamente importante no diagnóstico do Autismo infantil, deve avaliar no decorrer das consultas de enfermagem o crescimento e desenvolvimento infantil. O enfermeiro deve ter uma boa fundamentação a respeito do transtorno e manter-se sempre atento para qualquer sinal ou sintomas, para que se necessário, haja uma intervenção adequada no tratamento e evolução do paciente. Sendo assim, é necessário orientar a família e cuidadores, elaborando técnicas que diminuam os impactos que o transtorno traz ao portador e seus membros familiares, deixando-os conscientes quanto as possíveis alterações no comportamento do autista. |
|  | Práticas Pedagógicas Colaborativas na Alfabetização do Aluno com Transtorno do Espectro Autista | Investigar e descrever o processo de alfabetização de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) inserido em uma classe comum do ensino regular, observando-se as estratégias utilizadas pelo professor no processo de alfabetização e o apoio colaborativo. | No artigo foi feito uma dinâmica com os alunos na escola de ensino regular onde a pesquisadora conclui-o que contando histórias, confeccionando álbum de fotografia houve um processo de aprendizado pois a criança com Autismo conseguiu aprender os nomes dos colegas e interagir socialmente aumentando o seu círculo de amizades. |
|  | Qualidade de vida em irmãos de crianças incluídas no espectro do autismo | Compreender as repercussões de ter um irmão com Autismo na trajetória de vida de sujeitos adultos. | Os irmãos de autistas não tem ciúmes e muitas vezes se sentem responsáveis pelos indivíduos se acontecer alguma coisa com os pais, é preciso inserir esses irmãos em tratamentos e atividades para que possam tirar suas dúvidas e entender, mas sobre o transtorno e suas particularidades. |
|  | Avaliação da qualidade de vida de crianças que estão no espectro do Autismo | Avaliar a qualidade de vida de crianças que estão no espectro autista | O artigo observou que os indivíduos com TEA pode ter qualidade de vida se for devidamente inserido em atividades, as famílias e seus cuidadores ser inseridos nessa realidade. |
|  | Transtorno Do Espectro Autista: Onde estamos e para onde vamos | Apresentar uma revisão da literatura sobre o Autismo, apontando como os avanços investigativos recentes têm lançado luz sobre a compreensão do transtorno | O estudo concluiu-se que apesar dos avanços de tecnologia no Autismo ainda precisa ser pesquisado e analisado para que possam ter um aumento de políticas públicas. |
|  | Transtorno do Espectro do Autismo e idade dos genitores: estudo de caso-controle no Brasil. | Estimar em uma população brasileira, a magnitude da associação entre o TEA e a idade dos genitores no momento do parto. | As associações entre o TEA e as idades dos pais mostraram resultados significativos quando avaliadas em modelos independentes. Entretanto, quando compreendidas em um mesmo modelo a idade materna sobressaiu na relação com o TEA. Os resultados da associação foram maiores quando ambos os dois pais apresentavam idades avançadas. Os resultados relatam semelhança entre os grupos referente à média de idade, à faixa etária e à classe social. |
|  | Criança com Transtorno do Espectro Autista: cuidado na perspectiva familiar | Conhecer a experiência da família no cuidado da criança com Transtorno do Espectro Autista e discutir possibilidades de cuidado em saúde. | A realização deste estudo possibilitou alcançar o objetivo de conhecer as experiências vivenciadas por famílias de crianças com TEA. Dentre as várias lutas empreendidas pela família, a inicial relaciona-se ao estabelecimento do diagnóstico, em que as várias evidências comportamentais nem sempre levam a um diagnóstico precoce. Passada essa fase, as dificuldades relacionais sobressaem, impactando, tanto na família como nas interações externas a ela, seja com outros membros familiares, profissionais de saúde e sociedade como também com instituições.  |
|  | Transtorno do Espectro Autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família | Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças. | O estudo pode observar que os enfermeiros da estratégia da saúde e da família tem dificuldade em diagnosticar o Autismo é preciso incentivar os enfermeiros a estudar, mas sobre o autismo. |
| 1. 35.
 | A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar | Descrever uma reflexão acadêmica acerca da enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar. | A presença do enfermeiro a criança conseguiu se desenvolver e interagir socialmente e observou a importância do conhecimento do enfermeiro a respeito do Autismo. |
|  | Transtornos Autísticos e estratégias promotoras do cuidado: revisão integrativa**.** | Analisar a produção científica brasileira recente sobre Transtornos do Espectro Autista, identificando as estratégias de cuidados investigadas  | O artigo mostrou que há um foco maior no diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na psicologia e fonoaudiologia |
|  | Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os Transtornos Autísticos | Analisar o conhecimento dos estudantes do curso de Enfermagem de uma universidade pública sobre os Transtornos do Espectro do Autismo | O estudo finalizou que os estudantes de enfermagem têm conhecimentos razoáveis a respeito do Autismo, entretanto possui dúvidas a respeito dos sintomas e tratamentos sendo imprescindível inserir na grade curricular da graduação. |
|  | A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica. | Verificar a produção acadêmica acerca da inclusão de adultos autistas no mercado de trabalho, buscando experiências desta inclusão. | Foram poucas as publicações encontradas a respeito da inserção de adultos no ambiente de trabalho, os estudos encontrados mostraram que ainda há muitas pessoas preconceituosas e que os ambientes de trabalho não possuem estrutura para recebe-los. |
| 39. | Percepções sobre o Autismo sob a ótica das mães. | Analisar as percepções e experiências emocionais de mães com filhos diagnosticados com TEA. Com o propósito de utilizar as informações levantadas para a melhoria do atendimento proporcionado a estes pacientes e seus familiares, fazendo com que os profissionais de saúde busquem novas diretrizes para o desenvolvimento de uma terapêutica relevante para todo o núcleo familiar. | Diante dos relatos das mães é possível perceber que existem algumas expectativas sobre o futuro, entretanto muitas incertezas, sendo assim, muitas mães encontram barreiras no planejamento do seu próprio futuro e até mesmo o de seu filho autista, causando-lhes sentimentos negativos. |
| 40. | Estudos brasileiros em intervenção com indivíduos com transtorno do espectro autista: revisão sistemática | Realizar uma revisão sistemática de artigos brasileiros de intervenções realizadas exclusivamente com indivíduos diagnosticados com TEA. | Os estudos encontrados dispõem de poucos participantes e não têm grupos-controle para que seja feito uma comparação, os resultados das intervenções divulgadas apresentam limitações e não podem ser generalizados. É necessário que haja mais estudos científicos brasileiros que visem à intervenção com adultos e adolescentes e estratégias de intervenções precoce |
| 41. | Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). | Conhecer a experiência dos familiares no convívio de crianças com TEA. | Tendo em vista o objetivo de conhecer a experiência dosfamiliares no convívio com crianças com TEA, conclui-se que o transtorno promove muitas adaptações e mudanças na vida dos familiares envolvidos, e que estes recebem pouco suportepara se adequarem a essa situação. |
| 42. | Convivência com filhos com transtorno do espectro autista: desvelando sentidos do ser-aí-mãe | Desvelar sentidos de mães na convivência com filhos acometidos pelo transtorno de espectro autista | O alcance do movimento existencial do ser-aí-mãe na convivência com o filho acometido pelo TEA permitiu compreender as mudanças, exigências e cobranças que cabem à mulher que, de modo inautêntico, se ocupa com a rotina de cuidados para com o filho. Preocupando-se em oferecer o melhor de si, sente-se distante do cuidado consigo e com suas relações sociais e familiares. Do mesmo modo, pela fragilidade da rede de apoio social, torna-se vulnerável biopsicossocioespiritualmente |
| 43. | Assistência de enfermagem ao paciente Autista. | Descrever o que a literatura científica mais atual traz a respeito da assistência humanizada de enfermagem junto à criança autista. | De acordo com o que foi apresentado nesse estudo, observa-se que a criança autista precisa de uma maior atenção da equipe de enfermagem. O papel do enfermeiro não se limita apenas a executar técnicas e procedimentos, ele também precisa desenvolver a habilidade de comunicação que atenda a necessidade do paciente, pois este instrumento garante a qualidade do processo de cuidar. |

Fonte: produção dos autores

Ao analisarmos o quadro 2 podemos perceber que grande parte dos títulos se referem a estudos que reportam maior interesse na relação materna com os filhos autistas. Entretanto sobre a relação entre irmãos encontraram apenas 1 publicação.

Ainda sobre os títulos, foi notável a escassez de estudos sobre autista na vida adolescente e adulta com (3 publicações). A maior parte dos estudos são voltados para autista na fase da infância (12 publicações). Nenhum artigo menciona o autismo em idosos, isso pode ser devido ao fato de que os estudos sobre autismo são recentes, bem como diagnósticos mais precisos não são comuns nesta faixa etária.

Com relação a enfermagem foram encontradas apenas 12 publicações referente ao tema. A maior parte dos estudos foram desenvolvidos por outras categorias profissionais na área da saúde, especialmente psicologia e fonoaudiologia. Acreditamos que tal fato evidencie um menor interesse do profissional Enfermeiro sobre esta temática.

Quanto aos objetivos é possível observar que possuem semelhanças e estão interligados pelo autismo. Os objetivos de todos os artigos foram alcançados e comtemplados nas conclusões.

Se tratando da conclusão, basicamente todos os estudos concordam que há necessidade de maior número de estudos do TEA, distúrbio, sua etiologia e tratamento. Também observaram uma preocupação relacionado aos cuidados com os familiares e cuidadores, a maioria dos artigos destacam a sua necessidade e importância.

Foram incluidos na discussão para complementação desse estudo o livro de diagnósticos “Associação Norte-Americana de Diagnósticos de Enfermagem” (North American Nursing Diagnosis Association) (NANDA) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V).

Além disso, foram pesquisados em um texto oficial do Ministério da Saúde por sua relevância para a profissão de enfermagem.

1. **DISCUSSÃO**
	1. Conhecimento de Enfermeiro a respeito do autismo

Em 1943, o Autismo Infantil foi definido por Kanner sendo inicialmente denominado Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, como uma condição com características comportamentais bastante específicas, tais como: perturbações das relações afetivas com o meio, solidão autística extrema, inabilidade no uso da linguagem para comunicação, presença de boas potencialidades cognitivas, aspecto físico aparentemente, normal, comportamentos ritualísticos, início precoce e incidência predominante no sexo masculino (KANNER, 1943 apud TAMANAHA, et al,. 2008).

O termo “autismo” é derivado do próprio quadro sintomatológico relacionado a dificuldade na interação social, em alguns casos já pode ser observado durante as mamadas ao seio da mãe e nos cuidados nos primeiros meses de vida (JR; NOCE 2014).

O autismo está inserido em uma categoria descritiva e não explicativa ou etiológica. Diante disso, adotou-se a utilização do termo “Transtorno” no lugar do termo “doença”, visto que este último termo refere a etiologias biológicas conhecidas, o que não se enquadra nesse caso. Transtorno é definido como alterações da experiência subjetiva e do comportamento que se manifestam independente das causas, sejam estas biológicas, psicológicas ou sociais. (BRASIL, 2015).

Apesar da etiologia do transtorno autístico ser de origem totalmente desconhecida, alguns estudiosos consideram que existe uma relação muito próxima entre o autismo e possíveis fatores genéticos associados a doença (DE SENA et al. 2015).

A versão mais recente do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V), traz alterações correspondentes aos critérios diagnósticos, o Termo “Transtornos do Espectro do Autismo” se torna termo diagnóstico formal a ser utilizado para indicar os Transtornos: Autista, Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento sem Outra Especificação; sendo que as variações passam a ser denominadas conforme o nível de gravidade (Grau Leve, Moderado e Severo). No DSM V, o Transtorno de Rett deixa de fazer parte dos Transtornos do Espectro do Autismo, passando a se tornar uma entidade própria (APA, 2013; SCHIMIDT, 2017; MASCOTTI, 2019).

A Associação Americana Psiquiátrica, caracteriza os autistas em três níveis de acordo com a necessidade de suporte: nível 1, exigindo suporte apenas em determinados momentos; nível 2, que requer apoio considerável; e nível 3, exigindo suporte integral (DILLON, 2016 apud SOUSA, et al 2018).

As dificuldades de comunicação ocorrem em graus variados, a nível verbal e não-verbal. Alguns simplesmente não desenvolvem essa habilidade, enquanto outros têm uma linguagem pouco desenvolvida. Quando desenvolvem habilidades verbais podem persistirem com déficits em estabelecer conversação, como por exemplo a falta de reciprocidade, dificuldades em compreender figuras de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais (GADIA, 2004).

De acordo com a nova versão de DSM V é possível observar que os atrasos no desenvolvimento da linguagem deixam de ser um critério diagnóstico, pois estes atrasos podem ocorrer por outras razões não relacionadas diretamente aos TEAs (APA, 2013).

Adolescentes e adultos com autismo têm interpretações errôneas no que se trata de como são vistos pelas outras pessoas, e o adulto autista, mesmo com habilidades cognitivas menos prejudicadas, tende a isolar-se (GADIA, 2004).

O DSM V ressalta que, o Transtorno Autista segue um curso contínuo, sendo possível progressos na infância e adolescência. Alguns dos portadores podem apresentar perdas, enquanto outros podem apresentar evolução nos comportamentos durante o processo da adolescência, habilidades de linguagem e o nível intelectual geral são os principais fatores relacionados ao prognóstico (APA, 2013).

Estudos demonstram que poucos indivíduos com Autismo chegam a viver e trabalhar de forma independente quando adultos, mesmo as pessoas com o mais alto nível de funcionamento, ainda apresentam problemas na interação social, comunicação e apresentação de interesses restritos nesta faixa etária (APA, 2013).

É necessário suspeitar de autismo sempre que a pessoa apresentar atrasos nos marcos psíquicos do desenvolvimento. Sendo assim, é fundamental a implantação de políticas públicas de saúde, pois, o tratamento do indivíduo autista possui características e necessidades específicas de grande complexidade (JR; NOCE 2014).

Uma rede estável, que conte com programas e políticas de saúde bem estabelecidos, favorece o cuidado integral, longitudinal e coordenado preconizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Desta forma, é necessário investir na qualificação dos profissionais de saúde, com um foco especial na atenção biopsicosocioespiritual para com as pessoas acometidas pelo transtorno, envolvendo as disciplinas que se encontram no campo da pesquisa e da assistência, que auxiliem orientação e capacitação maternas (GOMES et al., 2015; SALVIANO, et al, 2016; DA SILVA, et al, 2019).

O grande desafio das unidades de saúde é a particularidade de cada grupo familiar ao receber o diagnóstico do transtorno. É fundamental que os profissionais tenham conhecimento a respeito do diagnóstico para que assim consiga sanar todas as dúvidas e esclarecer os sinais e sintomas (FRANZOI, et al, 2015).

Estudiosos afirmam ser necessário capacitar os profissionais de saúde para informar o diagnóstico de maneira humanizada, orientando e treinando os familiares, assim tornando-os capazes de ajudar no tratamento, promovendo a qualidade de vida das crianças com diagnóstico e de sua própria família (SEGEREN; FRANÇOZO, 2014).

É necessário que se conheça a percepção dos profissionais da enfermagem acerca dessa temática, buscando a detecção de lacunas ou potencialidades destes profissionais, com o objetivo de alcançar cada vez mais qualidade na assistência ao autista e sua família (DARTORA; MENDIETA; FRANCHINI, 2014).

O portador de autismo tem a comunicação a nível verbal e não verbal prejudicada. É notável a diminuição de interação com a mãe e os familiares, um dos primeiros sintomas é a diminuição no contato visual. Na comunicação não verbal há uma ausência ou diminuição na comunicação protoimperativa, ou seja, não aponta o que quer, e na comunicação protodeclarativa, que é o mesmo que apontar para mostrar algo, o uso dos sinais sociais como o movimento de aceno também é prejudicado. Na comunicação verbal nota-se o atraso na fala, na formação de frases, no uso do pronome “eu”, se colocando sempre na terceira pessoa, diminuição ou ausência da fala comunicativa, fala sem diálogo e ecolalia (repetição de palavras, frases ouvidas, diálogos de vídeos) (JR; NOCE, 2014).

Todos os profissionais de saúde podem identificar sinais suspeitos desse transtorno de acordo com os marcos de desenvolvimento psíquico. É importante que a história natural do autismo seja do conhecimento dos profissionais de saúde, para que a suspeita e o diagnóstico ocorram mais cedo. Pesquisas comprovam que 74,4% dos indivíduos sempre apresentam atrasos de desenvolvimento, 17,4% apresentam regressão parcial em base deficitária de desenvolvimento e apenas 8,1% apresentam histórico de regressão plena (JR; NOCE, 2014).

Infelizmente é comum os profissionais sentirem-se inseguros, despreparados na avaliação dos sinais e sintomas, o que acarreta demora no diagnóstico e compromete a identificação precoce. Isto leva a família e a criança a passarem sucessivamente por vários profissionais e instituições antes que seja constatado o TEA, retardando, desse modo, qualquer tipo de intervenção que contribua para a melhoria do crescimento e desenvolvimento do infantil (NASCIMENTO, et al, 2018).

Os profissionais possuem medo, insegurança e dificuldade em distinguir os sinais e sintomas do autismo nas consultas de enfermagem, devido há falta de informação na graduação, o pouco de conhecimento adquirido foi por meio de especializações ou estágios extracurriculares, o que revela que, nos ambientes acadêmicos de graduação em Enfermagem, pouco se estuda sobre o assunto (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

Pela precariedade de conhecimento, informações e falta de interesse das equipes, ocorre um déficit de comunicação entre profissional e familiar, consequentemente atrasando o diagnóstico e tratamento do autista (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL, 2012).

Até o final do último século, a população de autistas em sua grande maioria não faziam uso do serviço de saúde mental público brasileiro. Quando o cuidado acontecia, era oferecido através da educação, assistência social, instituições de caráter filantrópico ou por serviços ofertados por associações de familiares (BRASIL, 2015).

Para Nogueira; Do Rio (2011) os profissionais de saúde não valorizavam as queixas e minimizam a necessidade de tratamento do indivíduo com TEA, sendo negligentes no cuidado.

Segundo Lima et. al, (2014) muitos desses indivíduos não contavam com nenhum tipo de acompanhamento por quaisquer serviços, compondo um significativo grupo de desassistidos. Na rede pública de saúde, algumas crianças e adolescentes com autismo realizavam o tratamento em “serviços-ilha”, pouco eficiente quando comparado com os demais equipamentos de seu território, enquanto outras faziam acompanhamento em ambulatórios tradicionais, com tratamento predominantemente medicamentoso (BRASIL, 2015).

No Brasil, ainda não foi implantado um sistema para avaliar o tratamento ofertado aos autistas na rede pública de saúde mental, visando a construção de indicadores da assistência prestada a esses usuários e suas famílias. Ainda são recentes os trabalhos direcionados à prática avaliativa dos serviços de saúde mental comunitários, no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira. É imprescindível, mais pesquisas no campo metodológica para implementar um sistema dentro da rede pública (TEIXEIRA et al, 2010; LIMA et al, 2014).

É importante abordar sobre os Transtornos do Espectro do Autismo ainda na graduação, levando em consideração sua prevalência e complexidade, para que, assim, os estudantes de Enfermagem, futuros profissionais, tenham mais segurança e conhecimento para realizar um cuidado ético e baseado em evidências voltado a pessoas com transtornos autísticos nos diversos âmbitos de atenção à saúde (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

Os estudantes de Enfermagem apresentaram conhecimento razoável, mas, também, fragilidades importantes, principalmente, em relação aos sintomas e tratamento referentes aos dos Transtornos do Espectro do Autismo. Destaca-se, ainda, que mídias e meios de comunicação são a principal fonte de informação utilizada pelos estudantes na aquisição de conhecimento sobre TEA, o que evidencia o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação como uma importante aliada e ferramenta de ensino (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

O profissional Enfermeiro tem papel importante direcionado a assistência e diagnóstico de pacientes com suspeita de TEA. Ressaltando a capacitação dos profissionais de saúde para identificação precoce dos sinais e sintomas relacionados ao TEA, para que assim, seja prestada uma assistência de enfermagem de qualidade, dando o devido apoio e segurança a família do portador, garantindo o bem estar do paciente e da família, esclarecendo qualquer possível dúvida de ambos e incentivando o tratamento e acompanhamento ao indivíduo, buscando uma evolução eficaz em seu prognóstico (MELO, et al, 2016).

Segundo relatos obtidos em estudos, os profissionais de enfermagem entendem sua importância no atendimento às crianças autistas, porém, relatam ter medo do desconhecido, o que pode interferir na qualidade desse cuidado (DARTORA; MENDIETA; FRANCHINI, 2014).

 5.2 Impacto do diagnóstico nos familiares

A família é considerada a primeira e a mais importante das redes do ser humano, sendo assim, interfere significativamente na construção do indivíduo, na inserção na sociedade, na formação da linguagem e no desenvolvimento de um modo geral (GIVIGI et al. 2015).

Nota-se, que os portadores de TEA ofereceram maior chance de ter mães com cor da pele branca, genitores que trabalharam com produto tóxico e de ter nascido com peso inferior a 2.500g, quando comparados com o grupo controle. Também observou, que crianças e adolescentes com o TEA apresentaram uma chance 4,16 vezes de ser do sexo masculino (MAIA, et al, 2018).

Em estudo realizado na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, estudou-se a associação entre o TEA e as idades dos pais, o que gerou resultados significativos, quando avaliadas separadamente. Entretanto, quando avaliadas juntas a idade materna se sobressai em relação a causalidade do TEA. Os resultados da associação são maiores quando ambos os pais apresentam idades avançadas. É possível observar semelhanças entre os grupos referente à média de idade, à faixa etária e à classe social (MAIA, et al, 2018).

Os pais geralmente são as pessoas mais próximas das crianças, sendo eles os primeiros a notarem qualquer comportamento que seja diferente do padrão normal, portanto, é de extrema relevância a participação dos pais no diagnóstico precoce de TEA. O serviço de saúde relacionado ao TEA ainda é muito frágil, e os profissionais pouco preparados para distinguir o autismo precocemente, o que acaba por tardar o diagnóstico e fazer com que os pais intensifiquem o sentimento de impotência (ZANATA, et al, 2014; BIFF, et al, 2019; VILLAR et al, 2019).

Devido ao excesso de demanda no cuidado, isolamento social, escassez de apoio social, adolescência e a incerteza da condição futura do filho, junto com a ansiedade, acarretam altos níveis o estresse das mães de pessoas com autismo (SCHIMIDT; BOSA, 2007; ZANATTA, et al, 2014).

Os problemas de comportamento do deficiente e a condição da deficiência podem ser os determinantes das principais tensões encontradas entre os familiares e cuidadores de pessoas com incapacidade no desenvolvimento, já que são comuns padrões repetitivos de comportamento, baixo nível de comunicação e necessidade de grandes cuidados, fatores que aumentam a tensão dos pais (SCHMIDT; BOSA, 2007; SANCHEZ; BAPTISTA, 2009).

Sobre identificação do autismo, as reações iniciais dos pais uma vez observadas as diferenças no desenvolvimento da criança, é buscar diferentes médicos realizar diversos exames até que ocorresse o diagnóstico do autismo. De acordo com os relatos de familiares em um estudo, o diagnóstico é informado de forma genérica, ressaltando sempre as dificuldades no desenvolvimento da criança, e indicado que procurassem uma instituição especializada no atendimento de autistas (SEGEREN; FRANÇOZO, 2014).

Receber o diagnóstico de TEA é um momento muito complexo, delicado e conturbado para a família, e para os profissionais de saúde responsáveis por essa função. Legalmente o profissional médico é o responsável por informar a conclusão do diagnóstico a família, porém, não diminui a importância de a equipe multiprofissional estar presente nesse momento, para assim, prestar o apoio aos familiares, ouvindo as angústias, respondendo os questionamentos e dando o suporte necessário (PINTO, et al, 2016).

Olhando os sinais pelo viés do desenvolvimento, são evidentes os atrasos dos marcos do desenvolvimento psíquico como, por exemplo, crianças de cinco anos apresentam respostas parecidas com bebês, tanto na qualidade quanto na quantidade das respostas em todas as três dimensões afetadas (interação, comunicação e comportamento restritivos, repetitivos e estereotipados) (JR; NOCE, 2014).

De acordo com a literatura, observa-se que de diversas formas a rotina familiar é modificada pelo transtorno autista; os membros familiares vivenciam as mudanças e transformações ao decorrer do ciclo de vida, a maioria das vezes a inserção social, autonomia e a qualidade de vida destas famílias são afetadas (MINATEL; MATSUKURA, 2014).

Ao receber o diagnóstico, inicialmente as famílias se dividem entre dois polos e adotando posicionamentos diferentes frente à deficiência: 80% das famílias assumem uma posição de negação, apresentando uma visão negativa da deficiência; os outros 20% restantes, são as famílias que acolhem, aquelas que assumem uma visão positiva sobre a deficiência (GIVIGI, et al, 2015).

São variadas e de graus diferente as dificuldades e as necessidade dos portadores de TEA, de acordo com as vivências a família também é afetada positivamente e negativamente (NOGUEIRA; DO RIO 2011).

A família enfrenta dificuldades antes e depois do diagnóstico. Antes de receber o diagnóstico as famílias convivem com o desafio da busca pela identificação do transtorno e após o diagnóstico surgem novas dificuldades, como lidar com os sintomas e a insuficiência de serviços de saúde, educação e lazer (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL, 2012; GOMES, et al, 2015).

A individualidade do comportamento de pessoas autistas junto com a gravidade do transtorno, constituem pontos estressores para os familiares. A relação entre o estresse famíliar e o autismo não pode ocorrer com base entre possíveis causas e seus efeitos de forma simples. Necessita a adoção de um modelo explicativo que envolve diversas áreas envolvidas no processo de adaptação da família a uma condição crônica para facilitar o entendimento dessa família (SCHIMIDT; BOSA, 2007).

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos familiares de pessoas autistas, são as questões econômicas, pois, influencia diretamente todos os outros aspectos relacionados ao transtorno. Não ter recursos financeiros suficientes impossibilita os pais de proporcionar um atendimento com profissionais mais especializados, impedindo que disponham da qualidade de vida que gostariam (NOGUEIRA; DO RIO 2011).

Para os familiares, o momento em que recebem o diagnóstico configura-se em uma situação extremamente estressante e marcante, pois, quando são levados a perceber que os filhos não se encaixam no padrão de normalidade entendido por eles, o impacto dessa notícia em geral é bem relevante no contexto familiar (PINTO, et al, 2016).

Após o diagnóstico do autismo os familiares apresentaram reações como aceitação, preocupação, sofrimento, negação, sensação de impotência e previsão de momentos turbulentos. Sobre as dificuldades enfrentadas, os familiares citam o comprometimento financeiro como maior problema (HOFZMANN et al. 2019; ZANATTA, et al, 2014).

Ao tomar conhecimento do diagnosticado, a família passa alguns estágios emocionais, sendo eles: impacto, negação, luto, enfoque externo e encerramento, onde estão associados a emoções complexas e confusas (PINTO, et al, 2016).

As mães desenvolvem sentimentos conflituosos em relação ao diagnóstico, que lhes causam danos emocionais. Esses sentimentos consequentemente abalam a saúde mental dessas mães e das famílias, gerando um estresse crônico e dificuldade para aceitar e lidar com o próprio filho. É de suma importância que os profissionais consigam identificar esses sentimentos, para que elas também recebam assistência e apoio, pois são fundamentais nesse processo complexo (MONTEIRO, et al, 2008; BIFF, et al, 2019).

Estudos apontam que a conduta psíquica da família ao receber o diagnóstico da criança é o de perda, de “morte” da criança idealizada por eles, um processo necessário para receber o filho real, é preciso vivenciar o processo de luto pelo filho “perdido” (GIVIGI, et al, 2015).

É preciso incluir a família em programas de apoio para intensificar as ações preventivas e terapêuticas proporcionando o incentivo para melhorar a qualidade de vida familiar e estimular a aceitação do diagnóstico (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL, 2012).

Os cuidadores não exercem atividades laborais fora do domicílio, sugerindo que diante da necessidade e fragilidade da criança, e a necessidade de proteger cada vez mais o filho, muitas vezes, dificultando a convivência da criança com outras pessoas além do círculo familiar, como amigos, por exemplo. Observou-se que a maior parte dos cuidadores demonstravam sentir-se incapaz de obter uma pausa no ato de cuidar, evidenciando culpa ao pensar em ter um tempo para si próprio e ter que pedir a um amigo ou familiar para cuidar da criança. (TABAQUIM, et al, 2015).

Com o diagnóstico a família tem muitas dúvidas a respeito do transtorno. Para maior compreensão do assunto é importante inseri-lo em grupos de apoio, rodas de conversas e trocas de experiências com outras famílias assim intensifica as ações preventivas e terapêuticas facilitando o entendimento e a aceitação do diagnóstico (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL, 2012).

Devido ao baixo conhecimento, informações e falta de importância os profissionais de saúde, não explicam as atitudes, consequências e o que os pais podem esperar em decorrência do diagnóstico, consequentemente os familiares ficam perdidos e atrapalham o diagnóstico correto e o tratamento dessa criança BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL, 2012).

O entendimento dos cuidadores a respeito do autismo é importante pois favorece o desenvolvimento do filho e permite que ele adquira independência e se sinta valorizado. Dessa forma, entende-se que existe uma estreita relação entre o conhecimento acerca das características do autismo pelos familiares como fator facilitador da saúde emocional do filho com autismo (DA SILVA, et al,2017).

De acordo com estudos, observa-se que a rotina diária das famílias estudadas é totalmente voltada ao autista, suas necessidades e dificuldades. Esta constatação se deu tanto no contexto domiciliar como no social (MINATEL; MATSUKURA, 2014).

A falta de informação, a educação, e a saúde, tornam-se uma das maiores preocupações dos pais de crianças autista, pois com o diagnóstico há muitas dúvidas a respeito do transtorno e que não são sanadas pelos profissionais de saúde o que ocasiona a falta de vínculo entre profissionais e familiares, aumentando a ansiedade e preocupação dos pais (NOGUEIRA; DO RIO 2011).

Em estudo relacionado ao contexto domiciliar observou-se que as atividades cotidianas dos familiares se mantinham em torno da pessoa com autismo, seus hábitos e horários, acompanhamento escolar ou de saúde, independente de características próprias observadas em cada família, como ter outros filhos, o cuidador trabalhar fora de casa ou ter outras atividades (MINATEL; MATSUKURA, 2014).

A convivência com um portador do distúrbio autístico é para a família um aprendizado diário, podendo ser cansativo e por vezes doloroso, sendo necessário compreender cada reação, manifestação, que ele venha a apresentar, bem como à aceitação quanto à maneira de ser e de se expressar de cada um (ZANATTA, et al, 2014).

As atividades realizadas no contexto social sofrem impactos diretamente por conta do comportamento e demandas específicas do filho com autismo. As decisões referentes aos lugares a frequentar, o tempo a permanecer, dentre outros, estão diretamente ligadas as particularidades do filho autista que passam a determinar as possibilidades e impossibilidades em relação às atividades sociais familiares, principalmente as dos pais (MINATEL; MATSUKURA, 2014).

O entendimento dos cuidadores a respeito do autismo é importante, favorece o desenvolvimento do filho e permite que ele adquira independência e se sinta valorizado. Dessa forma, entende-se que existe uma estreita relação entre o conhecimento acerca das características do autismo pelos familiares, como fator facilitador da saúde emocional do filho com autismo (DA SILVA, et al, 2017).

Devido aos sinais e sintomas que ocorrem em pessoas portadora de TEA, a família se isola socialmente pelo preconceito e falta do apoio social, consequentemente o aumento do convívio familiar sobrecarrega o emocional principalmente da mãe sendo maior parte responsável do cuidado integral do indivíduo (SCHIMIDT, 2017).

A etiologia do autismo é pouco definida com isso os pais podem apresentar sentimentos negativos em vista da necessidade de busca por respostas. A fim de dar sentido para o que está acontecendo com seu filho, essas dificuldades enfrentadas podem gerar sentimentos confusos (ONZI; GOMES, 2015).

O convívio inicial pós diagnósticos de TEA, exige reestruturação familiar que muitas vezes sobrecarregam emocional e fisicamente os familiares, especialmente a mãe, e diminuem a qualidade de vida de todos os membros. O efetivo e oportuno diagnóstico possibilita a amenização da sobrecarga familiar, promovendo o letramento acerca da enfermidade, construção compartilhada de planos de cuidados apropriados e melhorias na rede social de apoio as crianças com TEA e as suas famílias (GOMES, et al, 2015).

A inclusão de autistas aumentou de forma expressiva em escolas regulares com a extinção das escolas especiais e a popularização do paradigma de inclusão, sendo que ela não precisa ser compreendida entre inclusão/exclusão de classes especiais ou salas regulares (DE PAULA; DE AZEVEDO; SCHMIDT, 2013; CAPELLINI; SHIBUKAWA; RINALDO, 2016 ).

Referente aos sentimentos identificados pela vivência de ter um irmão com autismo, foi observado através de estudos, a preocupação dos pais em tentar manter um equilíbrio na atenção dada aos filhos. Os participantes demonstraram que sabiam de que os cuidados seriam diferenciados, mas disseram que tentaram compreender situação sem sentir ciúmes ou raiva do irmão. Os sentimentos por eles citados foram de carinho e amor pelo irmão autista, companheirismo associado à família, pretensão de cuidar do irmão e ajudar os pais e, também, sentimentos relacionados a preocupação e angústia, pois a vivência é difícil e complexa (SMEHA; CEZAR, 2011).

 5.3 Ações de enfermagem com o autista e com a família

O Enfermeiro tem papel fundamental na assistência e diagnóstico de pacientes com suspeita de autismo. Esse profissional, capacitado teoricamente e com uma visão integral do ser humano, consegue perceber sinais que facilitam a identificação do Transtorno do Espectro Autista. O Enfermeiro também tem a função de acompanhar e auxiliar a família do paciente autista, prestando a assistência necessária, encorajando-os, tranquilizando-os, focando no bem-estar do portador, esclarecendo dúvidas, incentivando o tratamento e acompanhamento fidedigno a esse portador, buscando com isso a evolução em seu prognóstico (MELO, et al, 2016; DE SENA, et al, 2015).

O Enfermeiro, como membro da equipe multiprofissional, é um dos responsáveis por acompanhar a criança, a família, devendo estar apto para avaliar o desenvolvimento infantil, a fim de detectar precocemente qualquer anormalidade e tomar as medidas resolutivas para a melhoria da qualidade de vida (NASCIMENTO, et al, 2018).

O profissional contribui de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do TEA, se atentando aos padrões comportamentais das crianças, analisando durante as consultas o crescimento e o desenvolvimento. (DE SENA, et al, 2015).

Os Enfermeiros são responsáveis por prestar a assistência humanizada ao paciente autista, realizar o encaminhamento e solucionar suas dificuldades, visando minimizar os problemas e promover uma melhoria da qualidade de vida do autista e da família. O profissional exerce papel vital na identificação e avaliação do desenvolvimento da pessoa autista (SANTOS, et al, 2019).

O vínculo estabelecido entre o Enfermeiro, a pessoa autista e seus familiares torna-se imprescindível, uma vez que a enfermagem engloba no seu trabalho um olhar cuidadoso, se despindo de qualquer tipo de preconceito ou estigmas, se atentando as necessidades do outro e ao seu sofrimento, levando em consideração a dificuldade de expressão verbal por parte do paciente autista, competindo ao Enfermeiro realizar uma escuta e prestação de assistência diferenciada. É necessário estar atento as entrelinhas, olhar além do que é exposto, pois para cuidar é necessário preocupar-se, atentar-se ao outro, sendo essa, a essência da vida humana (DE SENA, et al, 2015).

Conviver com pessoas autistas provoca sensações incríveis nos profissionais que se dispõem a atuar com eles, pois na forma livre de expressão, encontra-se uma linguagem pré-verbal onde é possível estabelecer fios a serem tecidos no complexo caminho de criar vínculos (PRISTA, 2014).

Acolher e orientar as famílias são condutas fundamentais para que elas deixem de lado ideias errôneas, e não se culpabilizem de maneira desnecessárias e sem propósitos. Cuidar dos familiares, é tão importante quanto cuidar das próprio paciente (DARTORA; MENDIETA; FRANCHINI, 2014).

O Enfermeiro tem o papel de proporcionar assistência adequada para o autista, e identificar as pessoas com necessidades especiais como parte do mundo, não podendo se omitir diante dos obstáculos encontrados. É clara a importância e a necessidade do auxílio da enfermagem no processo de prevenção, promoção e reabilitação da saúde, promovendo qualidade de vida a estes pacientes e seus familiares (DE SENA, et al, 2015).

É função do Enfermeiro acolher, ensinar aos pais a respeito do autismo, avaliar o nível de compreensão sobre a doença e o enfrentamento deles diante dessa nova realidade (SANTOS, et al, 2019).

O paciente autista necessita de abordagens diferenciadas, um dos motivos é a dificuldade na comunicação, sendo assim, é importante que os cuidados oferecidos a eles sejam elaborados para compreender essas necessidades, com o intuito de estimular o desenvolvimento da capacidade comunicativa (SANTOS, et al, 2019).

Também é preciso olhar atentamente para a família e não apenas para o paciente, principalmente a mãe, pois é ela quem assume as maiores responsabilidades no que desrespeito aos cuidados do filho. Cabe aos profissionais criar estratégias de intervenção que viabilizem a estas mulheres serem escutadas, trocarem vivências, compartilharem dores, alegrias, sofrimentos, para que assim amenizem suas angústias e incertezas (CEZAR; SMEHA, 2016).

De acordo com Gouveia et.al (2012), o tratamento deve ser desenvolvido de acordo com as necessidades e etapas do crescimento da criança. A terapia da fala e da interação social/linguagem é prioridade, podendo ser aprimoradas através das oficinas de brincar, educação específica e apoio familiar.

Compreende-se que o diálogo se faz indispensável em torno do autismo; pois não existe uma abordagem que abranja todas as características em questão (DA SILVA, et al, 2019).

O acolhimento acontece quando a criança com autismo cria uma relação essencial com o terapeuta (GOUVEIA, et al, 2012), é preciso que a criança autista seja ouvida e vista, para que sejam realizadas as construções que deveriam ter acontecido nos primeiros anos de vida (SANTOS, et al, 2019).

Por causa das birras, irritações, autoagressão os cuidadores acreditam que seria impossível manter um relacionamento de carinho com as crianças, entretanto em alguns casos com o acompanhamento com terapeuta adequado o comportamento dessas crianças pode ser alterado (DA SILVA, et al, 2017).

É extremamente importante esclarecer todas as dúvidas e anseios da família para que minimizem os problemas relacionados com o convívio com as pessoas com autismo, e que especialmente o enfermeiro implemente estratégias de aceitação para facilitar o entendimento desse diagnóstico (PINTO, et al,2016).

A capacidade dos profissionais de saúde de se colocarem no "lugar do outro", pode abrir portas para expandir a interação com a família, por consequência, a possibilidade de gerar um cuidado a partir da concepção de quem efetivamente cuida (MAPELLI, et al, 2018).

Torna-se imprescindível que seja feita a discussão da assistência de enfermeiros a pessoa portadora de autismo, contribuindo para um diagnóstico da realidade local, identificando as dificuldades existentes, proporcionando a oportunidade de se reconsiderar a assistência profissional ofertada (DE SENA, et al. 2015).

Como o TEA não tem cura, alguns tratamentos podem ser mais eficazes para uns e menos para outros, em função de cada autista apresentar um nível de desenvolvimento diferente do outro. Contudo, no que se refere ao tratamento, ainda a psicoterapia comportamental é a mais preconizada juntamente com o processo de condicionamento que facilita os cuidados com o autista, tornando-o mais bem estruturado emocionalmente e organizado, entretanto alguns psiquiatras utilizam a musicoterapia como tratamento (ONZI; GOMES, 2015).

Devido ao avanço nas terapias e no oferecimento de suporte, há um progresso na inclusão de autista no ensino, podendo gerar um aumento no número de autista buscando o mercado de trabalho. Contudo as pessoas com TEA, possuem dificuldades para conseguir um emprego, se manter nele e ser inserido em um cargo compatível com sua formação e expectativas (DA SILVA; FURTADO, 2019).

De acordo com o autor De Barros, (2018) os principais diagnósticos de enfermagem que se adequaram a família de pacientes autistas são: ansiedade, bem estar espiritual, estresse, estilo de vida, paternidade prejudicada, síndrome de estresse por mudança e isolamento social. Já para o paciente autista são a comunicação verbal, isolamento social, desenvolvimento, autocuidado, capacidade adaptativa, controle de impulso, controle emocional.

1. **CONCLUSÃO**

Os estudos analisados trazem a importância do Enfermeiro na assistência, diagnóstico e no cuidado ao paciente autista e seus familiares, sendo ele, responsável por acompanhar a criança, a família e avaliar o desenvolvimento infantil, estando apto a detectar precocemente qualquer anormalidade e tomar as medidas resolutivas para a melhoria da qualidade de vida.

 Em relação aos cuidados com os familiares, nota-se que a figura central dos estudos analisados é a mãe, pouco é falado sobre os cuidados com os outros componentes do grupo familiar.

Observou-se também a falta de estudos direcionado a outras faixas etárias que não a infantil. Apenas um artigo trouxe como tema o autismo na adolescência, poucos se direcionavam ao autista adulto e não foi possível localizar estudos que relatassem o TEA na terceira idade.

Torna-se imprescindível que haja mais estudos aprofundados a respeito do autismo, pois, por se tratar de um diagnóstico recente (1943), ainda existem muitas dúvidas e inseguranças dos profissionais de enfermagem em relação a ele.

É necessário que em estudos futuros os pesquisadores englobem os cuidados com os outros membros do grupo familiar, assim como todas as faixas etárias de pessoas autistas, para que obtenham um conhecimento mais amplo, disponibilizando informações completas aos profissionais que busquem pela temática, consequentemente facilitando o cuidado e diminuindo as inseguranças.

Destaca-se a importância no incentivo aos profissionais de enfermagem para o desenvolvimento de estudos acerca da assistência de paciente com TEA e seus familiares.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação continuada de Enfermeiros e equipes de saúde relacionados ao TEA, merecem destaque nas instituições, para que haja uma assistência de qualidade a essa população, consequentemente gerando interesse e incentivo a esses profissionais para produzirem novos estudos.

Observou-se nos bancos de dados que a maior parte dos estudos relacionados ao termo “Autismo” são de autoria de profissionais da psicologia, fonoaudiologia e pediatria médica. Havendo um déficit em estudos feitos por Enfermeiros, quando encontrados são pouco aprofundados.

A principal limitação que este estudo encontrou foi a quantidade reduzida de pesquisas relacionando o autismo com a enfermagem e a falta de continuidade por parte dos autores dos estudos. Foi possível observar com a análise de dados que apenas três autores dos quarenta e três artigos selecionados deram continuidade na temática com um segundo artigo.

**REFERÊNCIAS:**

**AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION** (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. (DSM-V), 2013.

BARBOSA, Maria Angélica Marcheti; BALIEIRO, Maria Magda Ferreira Gomes; PETTENGILL, Myriam Aparecida Mandetta. “Cuidado Centrado na Família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. **Texto Contexto – Enfermagem.** v 21, Jan-Mar. 2012. Acesso em: 20 de março de 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072012000100022&script=sci_abstract&tlng=pt>>.

BIFF, Debora; MELLOS, Aline; RIBEIRO, Vinícius Rodrigues; PEREIRA Luana Daudt; MANZONI, Francisco Dias. “Percepções sobre o Autismo sob a ótica das mães”. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 87, n. 25, 2019. Acesso em: 02 de março de 2020. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/222/123 >

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde. Brasília, 2015. Acesso em 12 de maio de 2020. Disponível em: <<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf>

BRASIL. **Presidência da República**. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. 2012.Acesso em 02 de abril de 2020. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>>

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru Shibukawa; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista. In: **Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207**. 2016. p. 87-94. Acesso em: 22 de abril de 2020. Disponível em: < <http://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1309/1651>>.

CEZAR, Pâmela Kurtz; SMEHA, Luciane Najar. Repercussões do autismo no subsistema fraterno na perspectiva de irmãos adultos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 33, n. 1, p. 51-60, 2016. Acesso em: 06 de julho de 2020. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n1/0103-166X-estpsi-33-01-00051.pdf>>.

DA SILVA, Mariana Valente Teixeira Talarico; DOS SANTOS, Amanda Cristina Pereira; DE NORONHA, Antonio Celso Goyos. A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 119-1-19, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/39795/html>. Acessado em: 04 de agosto de 2020.

DA SILVA, Rosângela Nunes Almeida; FILHA, Francidalma Soares Sousa Carvalho; LIMA, Ava Fabian dos Anjos; DA SILVA, Francisco Laurindo; VILANOVA, Jaiane de Melo; DOS SANTOS, Elzimar Palhano . Avaliação da qualidade de vida de crianças que estão no espectro do autismo. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 3461-3470, 2017. Acesso em: 29 de abril de 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/110246/22187

DARTORA, Denise Dalmora; MENDIETA, Marjoriê da Costa; FRANCHINI, Beatriz. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **J Nurs Health**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014. Acesso em 12 de maio de 2020. Disponivél < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/4304/3506> >

DE BARROS, Alba Lucia Bottura Leite. Classificações de diagnóstico e intervenção de enfermagem: NANDA-NIC. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. spe1, p. 864-867, 2009.

DE PAULA, Debora Regina Nunes; DE AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico; SCHMIDT, Carlo. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013. Disponivel em <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/viewFile/10178/pdf>. Acessado em: 11 de agosto de 2020.

DE SENA, Romeika Carla Ferreira; REINALDE, Elda Medeiros; SILVA, Glauber Weder dos Santos; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015. Acesso em: 24 de agosto de 2020. Disponível em:<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3883/pdf\_1609

DE SOUZA, Marcela Tavares; DA SILVA, MICHELLY Dias; DE CARVALHO, Rachel . Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Acessado em 28 de março de 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf>>

FERREIRA, Ana Caroline Souza Saraiva; FRANZOI, Mariana André Honroato. Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. **Revista enfermagem UFPE on line**, p. 51-60, 2019. Acesso em: 31 de março de 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/237856/31114>>

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. **Jornal de pediatria**, v. 80, n. 2, p. 83-94, 2004. Acesso em: 08 de outubro de 2020. Acesso em: <<https://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>>.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar um projeto de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

GIVIGI, Rosana Carla Do Nascimento; DE SOUZA, Thaís Alves; SILVA, Raquel Souza; DOURADO Solano Sávio Figueiredo; DE ALCÂNTARA, Juliana Nascimento; LIMA, Marília Vasconcelos Araújo. Implicações de um diagnóstico: o que sentem as famílias dos sujeitos com deficiência?. **Distúrbios da Comunicação**, v. 27, n. 3, 2015. Acesso em: 17 de agosto de 2020. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/20892/17720>.

GOMES, Paulyane T.M.; LIMA, Leonardo H.L.; BUENOA, Mayza K.G; ARAÚJO, Liubiana A.; SOUZA, Nathan M. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de pediatria**, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015. Acesso em: 02 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/jped/v91n2/pt_0021-7557-jped-91-02-00111.pdf>>.

GOUVEIA, Amanda Ouriques; SILVA, Priscilla Maria de Castro, DE AZEVEDO, Elisângela Braga; ROCHA, Divanda Cruz; DA SILVA, Juliana Jamaica Sousa; MEIRA, Roberta Costa; FILHA, Maria de Oliveira Ferreira. Assistência interdisciplinar prestada à criança portadora de autismo. **Revista de enfermagem da UFPE on line**. Recife, v. 6, n. 5, p. 1180-1186, mai. 2012. Acesso em: 06 de outubro de 2020. Disponível em:<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/2461/3766>.

HOFZMANN, Rafaela da Rosa; PERONDI, Márcia; MENEGAZ, Jouhanna; LOPES, Soraia Geraldo Rozza; BORGES, Dayanne da Silva. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, 2019. Acesso em: 23 de abril de 2020. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671/521> >

JR, Walter Camargos; NOCE, Thelma Ribeiro. A história natural do Autismo infantil em um hospital público pediátrico terciário: evoluções com atrasos globais do desenvolvimento, com regressão parcial e plena. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 24, n. 2, p. 150-154, 2014. Acesso em: 03 de abril de 2020. Disponível em: <<http://rmmg.org/artigo/detalhes/1593>>.

LIMA, Rossano Cabral; COUTO, Maria Cristina Ventura; DELGADO, Pedro Gabriel Godinho; DE OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro. Indicadores sobre o cuidado a crianças e adolescentes com autismo na rede de CAPSi da região metropolitana do Rio de Janeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p. 715-739, 2014. Acesso em: 21 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v24n3/0103-7331-physis-24-03-00715.pdf>.

MAIA, Fernanda Alves; ALMEIDA, Maria Tereza Carvalho; ALVES, Maria Rachel; BANDEIRA, Laura Vicuña Santos; DA SILVA, Victor Bruno; NUNES, Nathália Ferreira; CARDOSO, Leila Cristina Gonçalves; SILVEIRA, Marise Fagundes. Transtorno do espectro do autismo e idade dos genitores: estudo de caso-controle no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, p. e00109917, 2018. Acessado em: 26 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v34n8/1678-4464-csp-34-08-e00109917.pdf>>.

MAPELLI, Lina Domenica; BARBIERI, Mayara Caroline; CASTRO, Gabriela Van Der Zwaan Broekman; BONELLI, Maria Aparecida; WERNET, Monika; DUPAS Giselle. Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, n. 4, 2018. Acesso em: 6 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v22n4/pt\_1414-8145-ean-22-04-e20180116.pdf>.

MASCOTTI, Thais De Souza; BARBOSA, Milena de Lima; MOZELA, Larissa de Oliveira; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Estudos brasileiros em intervenção com indivíduos com transtorno do espectro autista: revisão sistemática. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 107-124, 2019. Acesso em: 15 de abril de 2020. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v12n1/09.pdf> >

MELO, Camila Alves; FARIAS, Geovane Mendes; OLIVEIRA, Gleiciane da Silva; SILVA, Janaina Fernandes; NEGREIROS, João Emanoel de Lemos. “Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao Autismo”. **Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixadá**, v 02, n 2, Dez. 2016. Acesso em: 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/1154/928>>.

MINATEL, Martha Morais; MATSUKURA, Thelma Simões. Famílias de crianças e adolescentes com autismo: cotidiano e realidade de cuidados em diferentes etapas do desenvolvimento. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 25, n. 2, p. 126-134, 2014. Acesso em: 06 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/65682/88132>.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; BATISTA, Diana Oliveira Neves de Melo; MORAES, Edileuza Gonçalves de Carvalho; MAGALHÃES, Tarcyana de Sousa; NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira; MOURA, Maria Eliete Batista. “Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem”. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 3, p. 330-335, 2008. Acesso em: 28 de março de 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a09v61n3.pdf>>.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira; DE CASTRO, Cintia Soares Cruz; DE LIMA, José Leandro Ramos; DE ALBUQUERQUE, Maria Cicera dos Santos; BEZERRA, Daniele Gonçalves. “Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família”. **Revista Baiana de enfermagem**, v.32, e.25425, 2018. Acesso em: 10 de março de 2020. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425/15968>>

NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida; DO RIO, Susana Carolina Moreira Martins. A família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 5, p. 16-21, 2011. Acesso em: 31 de março de 2020. Disponível em: < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n5/n5a03.pdf>>.

ONZI, Franciele Zanella; DE FIGUEIREDO, Roberta Gomes. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015. Acesso em: 03 de setembro de 2020. Acesso em http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979/967

**ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**. CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete Vol. 1. Edusp, 1994.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz; TORQUATO, Isolda Maria Barros; COLETT, Neusa; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; NETO, Vinicius Lino de Souza; SARAIVA, Alynne Mendonça. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016. Acesso em: 21 de março de 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472016000300413&script=sci_arttext>>

PRISTA, Rosa Maria. Autista fala e pensa um estudo sobre a mediação da maternagem e paternagem. **Vínculo-Revista do NESME**, v. 11, n. 2, p. 31-40, 2014.Acesso em 15 de agosto de 2020. Disponível em < <https://www.redalyc.org/pdf/1394/139440853005.pdf> >.

SALVIANO, Márcia Eller Miranda; NASCIMENTO, Prince Daiane Felizardo Silva; DE PAULA, Mariane Andreza; VIEIRA, Carolina Santiago; FRISON, Susiane Sucasas; MAIA, Mariana Almeida; SOUZA Kleyde Ventura; BORGES, Eline Lima. Epistemologia do cuidado de enfermagem: uma reflexão sobre suas bases. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 6, p. 1240-1245, 2016. Acesso em: 17 de outubro de 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/reben/v69n6/0034-7167-reben-69-06-1240.pdf> >.

SANCHEZ, Fátima Iara Abad; BAPTISTA, Makilim Nunes. Avaliação familiar, sintomatologia depressiva e eventos estressantes em mães de crianças autistas e assintomáticas. **Contextos clínicos**, v. 2, n. 1, p. 40-50, 2009. Acesso em 20 de agosto de 2020. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/4912>.

SANTOS, Nair Kelly; SANTOS, José Augustinho Mendes; SANTOS, Camila da Paz; LIMA, Valéria Pedrosa. Assistência de enfermagem ao paciente autista. **Revista de saúde dom alberto**, v. 3, n. 1, p. 17-29, 2019. Acesso em: 02 de outubro de 2020. Disponível em: < <http://revista.domalberto.edu.br/index.php/revistadesaudedomalberto/article/view/408/357>>.

SCHIMIDT, Carlos. Transtorno Do Espectro Autista: Onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**. v.22 n.2 p.221-230.2017. Acesso em: 16 de março de 2020 Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34651>

SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice. Estresse e auto- eficácia em mães de pessoas com autismo. **Arq. Bras. psicol.** vol.59, n.2, p.179-191. 2007. Acessado em: 02 de abril de 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1809-52672007000200008>.

SEGEREN, Leticia; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 1, p. 39-46, 2014. Acesso em 20 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722014000100006&script=sci_abstract&tlng=es> >

SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43-50, 2011. Acesso em: 07 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a06v16n1.pdf>>.

SOUSA, Bruna Sabrina de Almeida; ALMEIDA, Camila Aparecida Pinheiro Landim; CARVALHO, Herica Emilia Félix; GONÇALVES, Lorrainie de Almeida; CRUZ, Jardel Nascimento. “A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar”. **Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 163-170, 2018. Acesso em: 18 de março de 2020. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6033/3174>

TABAQUIM, Maria de Loudes Merighi; VIEIRA, Roberta Gelain de Souza; RAZERA, Ana Paula Ribeiro; CIASCA, Sylvia Maria. Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista. **Revista Psicopedagogia**, v. 32, ed. 99. Acesso em: 18 de Julho de 2020. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v32n99a02.pdf>. Acessado em: 18 de Julho de 2020.

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasilia Maria. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 3, p. 296-299, 2008. Acesso em: 05 de maio de 2020. Disponível em: < scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci\_arttext>.

TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; MECCA, Tatiana Pontrelli; VELLOSO, Renata de Lima; BRAVO; Riviane Borghesi; RIBEIRO, Sabrina Helena Bandini; MERCADANTE, Marcos Tomanik; DE PAULA, Cristiane Silvestre.Literatura científica brasileira sobre transtornos do espectro autista. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 56, n. 5, p. 607-614, 2010. Acesso em 20 de setembro de 2020. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-42302010000500026&script=sci\_abstract&tlng=es

VILAR, Andréa Maria Alves; OLIVEIRA, Marcia Farias; ANDRADE, Marilda; SILVINO Zenith Rosa. Transtornos autísticos e estratégias promotoras dos cuidados: revisão integrativa**. Revista baiana de enfermagem**, v. 33, p.1-15, abr, 2019. Acessado em 15 de março de 2020. Disponível em < <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28118>>.

ZANATTA, Elisangela Argenta; MENEGAZZO, Ediane; GUIMARÃES, Andréa Noeremberg; FERRAZ, Lucineia; DA MOTTA, Maria da Graça Corso. “Cotidiano de famílias que convivem com o Autismo infantil”. **Revista Baiana de Enfermagem‏**, v. 28, n. 3, 2014. Acesso em: 18 de maio de 2020. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451/8989>.